

Clima de Altitude

JORGE COLI

Professor de História da Arte no Departamento de História, IFCH, Unicamp

Na biblioteca de Mario de Andrade, hoje conservada no IEB/USP, existe uma pequena publicação cuja classificação original é C II d 131. É intitulada *Clima de Altitude*. Trata-se talvez do único exemplar que resta, editado em 1934 pela Casa Cardona, de Mogi-Mirim.

Ela foi organizada pelo Dr. Vicente Rizzo, médico que eu mesmo conheci quando criança em Águas de Lindóia¹, homem de saber e de letras, que cultivava árvores frutíferas com muito amor. Contém um conjunto de textos celebrando a beleza da paisagem, as virtudes das águas, o encanto de uma atmosfera inefável, tudo isso em estilo eloqüente que possui a graça preciosa de sua época: “Eterno idílio entre o céu e a terra: – aquele furiosamente azul, flammejante de sol, n’uma coruscante scintillação de turquezas...”

Esta citação vem de uma apresentação do Dr. Rizzo; outros encarregar-se-ão de especular sobre as raízes tupis de nome Lindóia, outros sobre a natureza terapêutica do clima. Tudo isto teria um significado muito sentimental e local, se não fosse, na página 23 uma crônica bastante longa sob uma assinatura muito ilustre: a de Mario de Andrade.

Ele havia ido às Thermas de Lindoya passar uma temporada e talvez a tenha escrito por solicitação do Dr. Rizzo. Nunca foi publicada até os nossos dias, e permanece, creio, desconhecida mesmo dos especialistas do grande escritor. Ela possui, no entanto, alguns pontos de interesse.



Mario de Andrade em Lindóia. Foto: Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

1. Existia primeiro a cidadezinha de Lindóia, ou Lindoya, à beira do rio do Peixe. A seis quilômetros, montanha acima, ficam as fontes termais, que deram origem a um complexo turístico no século XX. Eram chamadas as Thermas de Lindoya. Depois, não sei em que data, talvez no momento em que o município se emancipou, uma preocupação de imagem moderna metamorfoseou as antigas Thermas de Lindoya em Águas de Lindóia.



Autor: Campão. Acervo do Hotel Glória de Águas de Lindóia. Reprodução fotográfica: Roberto P.Teixeira.

Um deles é a importância conferida à paisagem. Mario de Andrade escreve sob o efeito de uma impressão deliciosa.

“Não se esqueça, viajante, que você está na presença de uma das paisagens mais lindas de São Paulo”. E quem conhece sabe: esses vales e morros, essa atmosfera feita de verdes azulados no final da tarde é propriamente mágica. Mario de Andrade tem razão, como o tinha o pintor Campão, ao retratar, mais ou menos naqueles tempos, vistas de Lindóia. Seus quadros, bastante numerosos, admiráveis de sensibilidade e domínio de tons, estão ainda no Hotel Glória, hotel que pertencia ao Governo do Estado, e que hoje está em processo de privatização. Situação por sinal inquietante pois, ao que parece, ninguém sabe direito o que acontecerá com as telas de Campão, conjunto único a tratar, com alta qualidade artística, a paisagem local.

Outro aspecto de interesse é a qualidade descritiva de Mario de Andrade no que concerne à viagem propriamente dita e seu poder observador na caracterização de aspectos confluente.

A viagem, na época, era uma jornada, levava-se seis horas para perfazer os quase duzentos quilômetros que iam de São Paulo a Lindóia em pista de terra. Passava-se por Itapira, pois o caminho por Amparo e Serra Negra era íngreme demais para os radiadores que ferviam. Lindóia e Thermas de Lindóia articulavam-se com Itapira e Mogi-Mirim: os moradores com mais posses iam, de tempos em tempos, uma vez a cada mês ou a cada dois meses, fazer compras em Itapira ou consultar um dentista prestigioso de Mogi. Havia assim, de um lado, a modernidade dos veículos automóveis e o arcaico das pistas mal conservadas, com paradas para lanches, para matulas que se traziam de casa.

O que chamei, incapaz de evitar jargão universitário, de “aspectos confluentes” são, sobretudo, de um lado o ruralismo local e de outro o fenômeno novo do turismo. Mario de Andrade está percebendo um momento em que esses dois termos concorrem, num lugar preciso, para uma rara situação de harmonia humana. Visão menos superficial, ou mítica, do que parece. É verdade que as Thermas, freqüentadas por veranistas

ricos e chiques, contrastavam com o pequeno “vilejo” de Lindóia, a Lindoinha, como se diz por lá, que era deliciosamente caipira. Mas é verdade que turistas e sitiantes se misturavam numa cordialidade amável. Ou pelo menos, é assim que eu me lembro.

Enfim, um outro ponto que justifica mais que todos a publicação desta crônica, é que ela é maravilhosamente escrita. Existe nela um grande prazer em traduzir as impressões, as sensações visuais, táteis, olfativas, além da curiosidade divertida, para uma linguagem delicada e sedutora, cujo estilo é feito de leveza. O leitor não resiste e cede imediatamente à felicidade do autor. Aliás, estamos nos anos em que um apogeu de felicidade e de vida harmoniosa habita Mário de Andrade – momento que logo cederá lugar, depois da crise do Departamento de Cultura, a uma grande angústia que o acompanhará até a data de sua morte. Ao contrário, nesta crônica de 1934, é a felicidade har mônica do viver que se combina com a prodigiosa paz daquelas montanhas e com tranquilidade de um veraneio.

Mário de Andrade Bom Dia, Lindoya²

Depois que o automóvel deixa por trás Itapira, em que há um bonito parque pequenino jogado sem trato no chão, a aurora principia trepando nas oscilações mais inquietas do terreno. Os morretes de lombo gordo avançam numa primeira audácia coletiva, pra espiar quanto passe na rodovia. Trazem a crista roseada pelo excesso de aurora, aurora também gorda, aurora da terra prodiga, cheia de luz, cheia de som. Principia um barulho de água invadindo o automóvel. De todas as partes a água jorra em vertentes, brinca em riachos, se engorda também no tamanho dum rio, que a viagem corta numa ponte nova, de cimento armado. A ponte velha,

guerra comeu. Então a estrada sobe mais para o alto, cai de novo, fende as brechas sangrentas dos aterros, e entra na aberta dum vale chato como um pôrto. Aqui é Lindoya...

– As Termas, chauffer?

– Não senhor, a “Água Quente” fica bem mais longe. É a vila.

Um vilejo. Um “amor” de casinhas alvas cantando de roda no largo da igreja, também lavadinha feito um Bambino que nasce para nos salvar. O auto apressa a carreira na estrada que empinou numa corda da serra. Ladeira o vale, buscando as alturas que faz aqui a Mantiqueira. E é de lá do alto que se deve olhar o vale.

Não se esqueça, viajante, que você está na presença duma das paisagens mais lindas de São Paulo. E não confunda aqui grandeza com beleza. Não se trata não de comparar a vista com o Alto da Serra, com Guanabara, com as Agulhas Negras. Aqui você não está no teatro, está em casa. Não é a grandiosidade que está presenciando, não é um monólogo tremendamente dramático, não uma ária de tenor com dó-de-peito no fim. É a graça, é o sorriso, é o suspiro mansinho da felicidade. Na concha em que as plantações germinam abundantes, a vila de Lindoya é linda, graciosa, menina, patativa cantando, lambari saltando, sacy brincando, meu Deus! a gente perde o fio do pensamento. Só arruham no ser as palavras sonorizadas da delícia.

Mas agora o sol furou a altura em nossa frente e a viagem avança na direção do sol.

E vai sempre ladeando da altura um colar de vales plantados, cafezais de morro, milhais de verde claro, e, junto às habitações, sempre à esquerda, as figueiras em que o figo branco incha, se estufa e explode, escorrendo o mel grosso, em que soube converter o queimor generoso deste sol. Só de lembrar dá água na boca... Numa figueira destas Judas não se enforcava, esquecia o remorso, comendo figos. Depois, amansado pela bondade

2. A transcrição respeita a ortografia original.

desta natureza, plantava o seu pomarzinho de figo e bananas, virava num destes sitiante alegres, sem ganancia nem ideias, que nos vendem suas frutas quasi dado e lidam com tostões.

Isso, junto duma estação balnearia, no minimo é mentira. Não é. E se terá logo a explicação de tudo, porque estamos chegando. Uma taboleta de estrada, com um dedo indicador sem nós artriticos avisa: "Termas, Hoteis e Sanatorio de Lindoya". O vale fica estreito e fundo. Caramanchões silvestres, tennis, piscina, jasmineros, um ramalhete vivo de edificios, coroado pelo casarão claro do Gloria, o hotel maior. Pouco adiante, numa grimpá, está a igreja de destes sitios, sempre aberta, incapaz de afirmar que esta vida...de Lindoya seja um vale de lagrimas. Ou então, sim, aceitamos as lagrimas, porém jamais humanas. As lagrimas que este sitio chora são de rocha milagreira, pranto incessante, jorro de cinco feudas, fonte de saúde, hino triunfal, retorno à vida.

E agora, apeados do auto, podemos descobrir a ciencia destas termas, e compreender estes sitiante que inda falam em tostões. Um sabor forte, sabiamente conservado de ruralidade, faz de Lindoya as unicas termas fazendeiras que existem no mundo. Há, no entremeio urbano dos hoteis, um gosto de roça, uma paisagem de mato que disfarça bem a civilização. É um balneario sem nenhuma das violencias atormentadoras dos balnearios, sem esportes de competição, sem ultima moda, sem jogatina, é proibido o alcool. Lá em baixo passam calmos, no zigzag das ladeirinhas de presepe, grupos e pares de brim branco. São os "jacarés" bebendo a agua que o doutor mandou. De dez em dez minutos, cincoenta gramas. De quinze em quinze, cem. Agua sem gosto ruim, bebida nos copos graduados, de asa cômoda, que a gente engancha no dedo feito um anel de saúde.

Já desceu sobre nós o ambiente destes sitios. O vento encanado dos vales está churriando no arvoredos. Um ruidinho de agua murmulha, nas-

cido das fontes lá em baixo. "Bom dia, Lindoya", você diz num meio riso suave, já nascido deste ambiente incomparável, onde a paz não é um silencio, é um murmúrio.

Bom, agora você está num dos hoteis, está no Gloria, está no Preferido, está no Catete, na Camara, no Senado. Sem ditaduras nem constituintes. E, dotado apenas dessa Constituição inata de bem-viver, quer se limpar da viagem, muito justo. Pouco perderá da natureza, aliás, porque já o sol se guardou numas nuvens violentas. O chovedouro, á nossa frente, gorgulha que nem fonte, jorrando nuvem e mais nuvem no ar. Vai chover. E enquanto o banho se prepara, no hotel mesmo, porém já "da agua azul das fontes radioativas", si você quer barbear, tem barbeiro, si esqueceu alguma coisa em casa, tem bazar, si quer telefonar tem telefone, si quer telegrafar telegrafa, enquanto o automovel foi se esconder do tempo na garage.

A chuva principia e o ar refresca. Os perfumes nascem mais vivos. Logo se generaliza esse cheiro fecundo, da natureza humedecida e penetra pelas janelas, enquanto a paisagem está cinzada, distraida, por detrás da agua do ar. Os banhistas estão voltando das termas e o hotel se enche de azáfama do almoço. Entre as doze horas e a tardinha, ou nas manhãs futuras pra quem não se obriga a tratamentos severos, é o tempo dos passeios no arredor. Nos terraços vão se emprazando os encontros, se formam grupos de aventura, em busca de fruta e paisagem. Vai-se de charrete, a cavalo, de automovel, vai-se a pé. Os mais alpinistas irão ao Morro Pelado, nas cordas da montanha fronteiriça. Querem atingir a grimpá mais alta da estancia, contemplar outras vertentes e outros vales, irão ver Mogi-Mirim.

*Abaixai-vos, Serra Negra,
Quero ver Mogi-Mirim,
Quero ver si essa morena
Inda se lembra de mim!*



Autor: Campão. Acervo do Hotel Glória de Águas de Lindóia. Reprodução fotográfica: Roberto P.Teixeira.

Irão ao Cruzeiro, atalaia de cidades, donde se enxerga Itapira e talvez Mogi-Mirim distante. Donde se enxerga, em principal, toda essa valaria adorável de Lindóia, não mais como de manhã, porém convertida em grandeza, entre arroubos de cenografia teatral, violência e magnificente, num xadrez gigantesco de mato, pasto e plantação.

Há também os que desejam ver a gente masgruça de que falou Saint-Hilaire. Vão a Minas, que dista daqui quasi só um vôo de inambú; vão a Monte Sião, onde cachorro entra na igreja.

E assim se passa o mais difícil do tempo nos balneários, êsse momento curto mas que avança de arrasto: as quatro unicas horas a que a gente chama "dia". Até as doze horas foi manhã. Às dezesseis é a tarde que principia. A chuva, quando vem, vem de encomenda. Já está fazendo um sol molhado pros passeios e pros siantes de tostão. São dezesseis horas batidas, e todos tomam o caminho da piscina.

E'possível uma côr de agua destas, nascida do segrêdo da terra, e não corada pelas anilinas alemãs!... Que Uiara protetora perdeu seus ca-

belos nesta agual... E'um azul claro, tremendo em verdes fugitivos, onde o sol quando bate, prateia os nossos olhos com fulgor. Gritos, risadas, tchim-guns sabios e plafs curtos de barrigas infantis que ainda não sabem nadar. E'um delírio de mundo humano se banhando, mundo humano lindo e feio. Gorduras inefaveis duma argentina em busca de rins novos; a palidez morena de sírias com assucar; serenos nadadores de estilo; crianças inda com asinhas mal desaparecidas nas costas de magreza pueril... O sargento nordestino nada de qualquer geito, como um pangaré espalhador. Ingenue e bom feito um figo maduro, falando com todos, a figura mais simpatica das termas. Há pais, nadando em português de entre Douro e Minho, tomando conta das filhas. Vem a familia sueca, de bom saudar, todos nadam, mesmo o folhote de oito anos, que não tem lingua nehuma pra falar com os companheiros, e é um estilete de prata da cabeça aos pés. Os italianos são muitos, violentos no rubor, nadando feito os já idosos, nadando com beleza os efebos, nos mailots mirabolantes, com letreiros.

Na beira da piscina as mãos aconchegadas em roupas urbanas, fazem crochet, falando mal da filhas das outras mãis. Isso nos aproxima do Brasil outra vez, e se faz um silêncio de respeito, quem é? Quem diz que Venus morreu! Mas não morreu, que toda a piscina grita sem querer. É uma paulista magnífica, das que já extasiavam Schlichthorst, alta e grandiosa como a aurora, chegando tarde por direito de honra e primazia. Ou então é uma carioca rindo muito, vistosa como a glória e apaixonante como um jogo de football. Esta é Venus, oh curupiras, aves, águas, matos, ventos e balneários de Lindoya! Esta é a Venus de corpo cheio de côr de terra, perna esguia equilibrando as formas, com uns olhos por cima em que todo o perigo da escuridão se ajuntou! As extremidades longas dos pés e das mãos, não são estérteis e agudas á maneira inglesa não, mas tem, mui longe, a herança negra que as torna roliças e sublimes feito essas carícias que de tão gostosas, mesmo depois de cessadas, inda continuam em nós. E na encrespadura dos cabelos curtos, que o sol timbra num acastanhado oleoso que dá fogo, a gente desejaria afundar... Tchim-gum!... Venus mergulhou. A piscina brinca, bolas, sapos de borracha, mergulhos, eflúvios de água medical que faz bem respirar.

Hora de vida inexistente, o balneário morreu, todos se arranjam pra jantar. O luxo seria ridículo na civilização fazendeira destas termas, põrem as camisas se abotoam, desaparecem os vestidos de lavar, e a gravata retoma os seus direitos.

– O que faremos depois do jantar?

Depois do jantar é o momento do deliciosissimo footing na rodovia. Busca-se o poente que, contornado um lombo mais noturno de morro, mostra de sopetão seu fogo-de-artifício sempre inedito. Hora perfeita de conversar viagens, literatura e vaidades; hora de política, de Bolsa, hora das anedotas suculentas; hora humaníssima de mentir os poucos e comentar

sem mal o ridículo alheio; hora enfim de recenear a saúde nova colhida durante o dia azul da água, e principiar o amor. Há uma lassitude aderente nos balneários se movendo lerdos. Os casais se dão os braços e as mãos. Algum caso do sai é bom pretexto que aproxima os rapazes das moças. Porquê será que as moças cochicham tanto e riem alto, quando a tarde cai?... Hora do amor inocente, gratuito e sem destino... Amor, amor de todo dia, amor de todo o sempre, enquanto a tarde cai....

Dansa-se pouco em Lindoya, ao som dum quasi-jazz bom ritmador. Dança-se pouco. Muitos preferem ficar no passeio do ar-livre, na frente do hotel, espiando a hora da lua. Às vinte-e-uma horas há uma fuga rápida até os salões de comer, por causa do chá. E a volta dispersa mais todos, porque o tempo do sono chegou.

Noite. As brisas frageis, trazidas na concha da valaria aquosa, abanam tudo vagarentas. O frescor toma os ares feito uma benção divina. A lua chapeia os dois morros fronteiros, mostrando a graça das lombadas e dos contornos macios, onde os caponetes escuros se intercalam com preguiça ao verde claro do capim. Principia a vigília das estradas, rodando em silêncio e se correspondendo de espaço a espaço em pios de passaros, como guardas-noturnos. O odor perfeito do jasmim toma o ser todo, e escapa do peito o suspiro profundo, grave, que é um resumo dêste idílio incomparavel de Lindoya. É a paz. É a paz mais despercebida e ininterrupta, acalentada de manso pela cantiguinha eterna da água azul. E tudo dorme. A terra dorme dorme. A vida dorme dorme, enquanto a lua dormita, chovendo os seus pingos de prata sobre as águas azuis da piscina. Avé, Lindoya, cheia de graça!... O Senhor é convosco!... Bemdita sois entre as termas, e bemdito é o fruto do vosso ventre, a água azul!

Lindoya – 934.